



**AB SABIN**  
Ensinar é criar descobertas

**AS COLÉGIO ALBERT SABIN**  
Ensinar é criar oportunidades

**cultura & informação**  
**A REVISTA DO SABIN**

1º trimestre letivo 2020 – ano XXVI – nº 75

# Navegamos juntos

## Caros leitores,

Já não é dúvida para ninguém estarmos diante de um dos momentos mais difíceis da história recente da humanidade – certamente o mais difícil que a maioria de nós já viveu em nosso tempo de vida. Não é preciso, portanto, utilizar este espaço para ressaltar a seriedade do desafio. Creio ser possível, porém, fazer algumas breves reflexões sobre como nossa comunidade escolheu lidar com a situação atual e, quem sabe, tirar daí alguns sinais de esperança.

Uma expressão tem me vindo à cabeça com frequência nesses dias, do sociólogo suíço Philippe Perrenoud. Ensinar, define Perrenoud, seria “agir na urgência e decidir na incerteza”. Segundo ele, o trabalho do professor – especialmente o que coloca o aluno no centro do processo – já demanda naturalmente a habilidade de lidar com o inesperado. De ser capaz, por exemplo, de deixar o plano inicial de uma aula para atender a demandas imprevistas e imediatas, sem perder de vista os objetivos de aprendizagem da turma. Daí a urgência e a incerteza nas quais, *mesmo em condições normais de um mundo sem grandes crises*, seríamos obrigados a agir e a decidir.

Reconhecer isso não significa dizer, contudo, que agimos às cegas. No mar de incertezas diárias em que navegamos, contamos com bússolas: nossos princípios e valores. Foram eles que nos guiaram em mais de 25 anos e são eles que nos devem guiar agora, ao enfrentarmos esse novo desafio.

Em primeiro lugar, nossos princípios nos ajudam a definir prioridades. Desde cedo percebemos que nossa prioridade número um seria preservar a vida. Não por acaso, já na quinta-feira 12 de março, um dia antes do decreto do Governo de São Paulo que instituiu a suspensão de aulas no Estado, havíamos decidido liberar nossos colaboradores que se enquadravam na condição de grupo de risco da COVID-19.

Nossa segunda prioridade era quase tão urgente quanto a primeira: garantir a continuidade da educação de nossos alunos. Na mesma quinta-feira, acionamos nossas equipes de TI (Tecnologia da Informação) e TE (Tecnologias Educacionais), que estruturaram, em menos de uma semana, plataformas digitais com as quais estamos conseguindo, a distância, oferecer o conteúdo, número de aulas e processos avaliativos que tínhamos traçado para turmas do Maternal ao Ensino Médio.

Mas é claro que isso só está sendo possível graças, mais uma vez, aos nossos princípios e valores. Isso porque, além de bússolas, eles nos fornecem companheiros de viagem. Nunca navegamos sozinhos. Está na declaração do Colégio, desde sua fundação: entre nossos pilares fundamentais, o encantamento, que se reflete no alinhamento de todos – gestores, professores, alunos e famílias – em prol de uma mesma visão de educação.

Esse alinhamento nunca foi tão necessário como hoje e, felizmente, está se fazendo sentir. Quando tudo isso passar, acredito que seremos uma comunidade ainda mais forte e sólida. Olharemos para trás e seremos profundamente gratos aos nossos professores, que responderam à altura do desafio, adaptando-se com urgência às novas tecnologias e situações que nos foram impostas. Agradeceremos a nossos colaboradores, que, cada um em sua esfera de atuação, se desdobraram para que o ensino remoto fosse possível. Veremos que nossos alunos quiseram e foram capazes de seguir aprendendo – inclusive competências que o momento torna ainda mais essenciais, como a autonomia, a determinação, a solidariedade e o respeito ao coletivo.

Principalmente, lembraremos que pudemos contar com a parceria das famílias, que compõem uma diversidade de vozes, que se manifestam em elogios, sugestões e críticas, mas que concordam no essencial: o valor da vida e da educação. O momento nos impôs tomar decisões e agir na urgência. Mas, da solidez de nossa comunidade, disso nós temos certeza.



**Giselle Magnossão**  
Diretora pedagógica  
do Colégio Albert Sabin  
[giselle@albertsabin.com.br](mailto:giselle@albertsabin.com.br)



## Ciência, informação, prevenção.

Revista do Sabin,  
1º trimestre  
letivo 2020  
ano XXVI – nº 75  
**Aluno da capa:**  
Carlos Eduardo  
Asato Junqueira,  
8º ano C.

4+5



### + Conversa Paralela

Carlos Nobre explica o que sabemos do aquecimento global – e o que podemos esperar

6+7



### + Educação Infantil

Jogos e brincadeiras promovem o letramento em Matemática no início da vida escolar

8+9



### + Ensino Fundamental I

Afrodscendentes e indígenas resgatam lugar de destaque na história do Brasil

10+11



### + Ensino Fundamental II

Alunos reavaliam a importância das plantas para a própria existência

12+13



### + Ensino Médio

Ações do Sabin ajudam o aluno a escolher um futuro profissional

14



### + Idiomas

Alunos conquistam índices recordes de certificação do Inglês na história do Sabin

15



### + Esportes&Cultura

Como o Sabin+Esportes&Cultura integra e complementa o currículo do Colégio

16+17



### + DataSabin

O Sabin em números

18+19



### + Livre Expressão

Alunos refletem sobre mudanças climáticas em artigo, charge e poema ilustrado

20



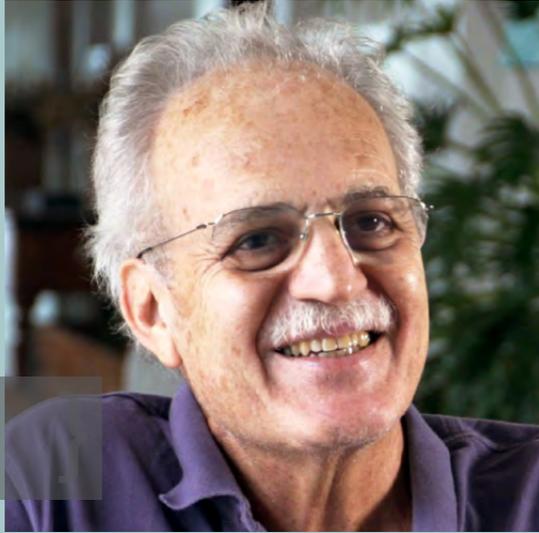
### + Encantamento

Projeto de turma do 2º ano levanta a bandeira de um mundo mais gentil

## EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.  
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – [www.albertsabin.com.br](http://www.albertsabin.com.br) – Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – [www.absabin.com.br](http://www.absabin.com.br) – **Mantenedores:** Gisvaldo de Godói, Neusa A. Marques de Godói, Cristina Godói de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Sílvia Adrião (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Sílvia Adrião **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) **Designer:** Giovanna Angerami **Textos:** Alexandre Bandeira **Fotografias:** Douglas Piton, Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Masson **Distribuição gratuita. 1º trimestre letivo 2020.**





**Carlos Nobre,**  
meteorologista

## Ainda há tempo

SÓ NA ÚLTIMA DÉCADA, O BRASIL VIVEU O MAIOR REGISTRO DE SECAS CONSECUTIVAS DA REGIÃO NORDESTE (2012-2018), RECORDES HISTÓRICOS TANTO DE SECA (2010, 2015, 2016) QUANTO DE INUNDAÇÕES (2012, 2014) NA AMAZÔNIA, A MAIOR SECA NA HISTÓRIA DO SUDESTE (2014-2015), ALÉM DE CHUVAS TORRENCIAIS COMO AS QUE ACABARAM DE ATINGIR SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS. QUEM ENUMERA ESSES DADOS, EM ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA A **REVISITA DO SABIN**, É O CIENTISTA **CARLOS NOBRE**, UM DOS MAIS RESPEITADOS METEOROLOGISTAS DO PAÍS E INTEGRANTE DO PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (IPCC). SEGUNDO ELE, NA *MELHOR DAS HIPÓTESES*, O MUNDO TERÁ DE SE ACOSTUMAR COM EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS COMO OS CITADOS, E OS DESAFIOS SÃO ENORMES – MAS AINDA SUPERÁVEIS. AQUI, NOBRE APRESENTA O QUE SE SABE HOJE, OBJETIVAMENTE, A RESPEITO DESSE TEMA.

### O aumento da concentração de gases de efeito estufa (GEE) na atmosfera se deve à atividade humana?

97,5% dos artigos científicos sobre clima atribuem a liberação desses gases às ações antropogênicas. Somente 0,7% dos artigos nega que seja isso, e 1,8% é neutro. Nós temos dois fatores principais [para o aquecimento]: um são os gases carbônico (CO<sub>2</sub>), metano (CH<sub>4</sub>), óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), ozônio (O<sub>3</sub>), os CFCs [clorofluorcarbonetos] usados para refrigeração; outro é o vapor d'água. O vapor d'água não é influência humana – o vapor gerado por atividades humanas, como hidroelétricas, é desprezível perto da evaporação dos oceanos. Porém, quando o planeta está mais

quente, devido a outros GEE, aumenta a evaporação dos oceanos. Uma coisa alimenta a outra.

### Então, o aquecimento e sua causa humana são consensos científicos?

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que Ciência não tem verdade absoluta. Ciência é sempre a melhor explicação dos fenômenos da natureza *num dado momento*. Hoje, nós temos um consenso entre os cientistas que estudam o clima de que a razão do aumento observado da temperatura é antropogênica, e não um fenômeno natural, como, por exemplo, o Sol emitindo mais radiação, ou erupções vulcânicas. É fácil ver a origem do CO<sub>2</sub>, você tem de olhar

os isótopos [átomos de um mesmo elemento químico com números de nêutrons distintos], eles são como uma assinatura inapagável da origem: o CO<sub>2</sub> que vem do magma tem uma assinatura isotópica, o que vem do carvão tem outra, o do petróleo tem outra... Se o que está enchendo a atmosfera fosse de erupção vulcânica, a gente saberia. Então, *neste momento do tempo*, essa é a melhor explicação, com alta probabilidade de estar certa.

### O Acordo de Paris, firmado em 2016, estabeleceu como meta, até o ano 2100, a contenção do aquecimento global a, no máximo, 2 °C acima dos níveis pré-industriais e, preferencialmente, a 1,5 °C. Hoje, já estamos em 1,1 °C. É uma meta possível?

Hipoteticamente, ainda podemos atingir 1,5 °C. Existe um conceito que nós chamamos de “espaço de carbono”, que é quanto de GEE ainda poderíamos emitir para ficar, por exemplo, em 1,5 °C. Se fizermos as contas, esse número fica na ordem de 400 a 500 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> e outros GEE. Na taxa atual de emissão por ano, isso levaria em torno de 10 anos. Ou seja: perderíamos a janela do 1,5 °C. O cenário possível para conseguirmos o 1,5 °C seria reduzir bastante as emissões até 2030, zerar até 2050 – zerar de forma líquida, para cada molécula acrescentada, tirar outra – e, na segunda metade do século, retirar CO<sub>2</sub> em grandes quantidades. Aí você pergunta: perdemos a oportunidade? Ainda não. Entre 2015 e 2017, a China diminuiu a velocidade de aumento de suas emissões, muitos países diminuíram, houve um grande otimismo. Só que, infelizmente, em 2018 e 2019, [a velocidade de emissão] voltou a aumentar. Foi um banho de água fria. Mas, se os países quiserem, é possível fazer uma conversão mais rápida dos sistemas de energia – 70% das emissões de GEE vêm da queima de combustíveis fósseis, e é essencial zerar essas emissões.

### Como se retira CO<sub>2</sub> da atmosfera?

A solução natural é reflorestamento. Se formos na direção de uma agricultura do século XXI, mais eficiente, que use menos área, principalmente da pecuária; se mudarmos nosso padrão alimentar consumindo menos carne de boi; então você tem uma área gigantesca para reflorestar. Há uma série de outras tecnologias, como captura e armazenamento de carbono – você pega o efluente de uma indústria, canaliza o gás e enfia num poço profundo –, mas

reflorestamento é a solução natural, mais barata e tem vários outros benefícios: manter a biodiversidade, esfriar a superfície do planeta, reduzir extremos de calor, aumentar os polinizadores. Um monte de serviços ecossistêmicos.

### O que podemos esperar do clima brasileiro nas próximas décadas?

Depende do cenário. Já estamos vendo eventos extremos acontecer no Brasil todo. Se conseguirmos o maior sucesso no Acordo de Paris – manter o aquecimento a 1,5 °C –, veremos um pouco mais do que já estamos vendo. Esse clima de hoje vai ficar um pouco pior em 2050, *se nós tivermos sucesso*. Se não tivermos, [esses eventos extremos] serão o clima normal. Não será uma coisa que acontece a cada cinco anos, todo verão será assim. Isso se não houver ruptura no sistema climático.

### O que seria essa ruptura?

Seria, por exemplo, o risco de savanização da Amazônia, que jogaria de 200 a 300 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> na atmosfera. Ou, se a gente perder 50% do metano do Oceano Ártico, a temperatura no século XXII chegará de 8 °C a 10 °C [acima dos níveis pré-industriais]. É outro planeta. Esse risco é chamado de *bothouse*, “a casa pegando fogo”: nós perderíamos algo entre 60% e 70% de todas as espécies vivas e teríamos de morar só em ambientes climatizados, em altitude ou nos polos.

### Mas esse é um risco real?

É muito importante apresentar o risco de *bothouse* porque, se a gente perde grande parte do metano do Ártico, se as florestas queimarem, se isso começa a acontecer, está fora do nosso controle. Se chegarmos a 3 °C, por exemplo, a Groenlândia vai derreter. Levará de 500 a mil anos, mas vai derreter. Você entra num processo irreversível. O risco de *bothouse* não é mais desprezível, está na faixa dos 10%. Se você ouve que há 10% de chance de um avião cair, você entra nele?

### Onde devemos buscar as informações mais confiáveis sobre mudanças climáticas?

A melhor informação que existe – espero que os alunos do Sabin saibam Inglês ou Espanhol – está no *site* do IPCC: [www.ipcc.ch](http://www.ipcc.ch). Se alguém tiver paciência, leia os relatórios; se não tiver tanta paciência, leia os resumos; se tiver menos ainda, veja as apresentações de PowerPoint que estão lá de graça, superdidáticas.

# 1, 2, 3... e lá vão eles

Como jogos e brincadeiras estimulam as crianças a dar os primeiros passos no mundo da Matemática.

**“Um... dois... três indiozinhos; quatro... cinco... seis indiozinhos; sete... oito... nove indiozinhos; dez no pequeno bote”.** Até o fim do ano, a saga dos “Dez Indiozinhos” será acompanhada com facilidade pelos 15 alunos da professora Gislaíne Nascimento, do Maternal II B do AB Sabin, que terão exercitado a sequência de 1 a 10 em cantigas e situações diversas da rotina escolar.

Se alguém perguntar, porém, se existem mais indiozinhos na música do que alunos na turma, é provável que eles ainda não saibam a resposta. Pelo planejamento da Educação Infantil, conhecer o “nome” dos números e a sua ordem é apenas um dos primeiros passos do letramento em Matemática, e contagem recitada não significa capacidade de quantificação. Serão necessárias muitas outras cantigas e atividades para que os alunos aprimorem seu conhecimento da linguagem e dos usos da Matemática.

Segundo escreve Kátia Stocco Smole, no livro *A Matemática na Educação Infantil*, “crianças têm capacidades matemáticas características da genética da espécie, o que lhes permite desenvolver algum conhecimento matemático antes da escolarização”. Cabe à escola, no entanto, “atuar para a evolução do saber inicial, por meio de um ambiente

problematizador, que favoreça o desenvolvimento de novos conhecimentos matemáticos”, diz a autora, doutora em Educação e diretora do Grupo Mathema, que por anos prestou assessoria à equipe do Sabin e do AB Sabin.

E o que seria um “ambiente problematizador”? No contexto escolar, trata-se de um ambiente em que o aprendizado é construído quando o aluno se depara com problemas para resolver – mas problemas produtivos, propostos pelo educador com objetivos esperados (com intencionalidade), como memorizar sequências numéricas, agrupar elementos ou comparar tamanhos e quantidades. E igualmente importante: problemas estimulantes, desafiadores, divertidos. Como jogos, por exemplo.

**Segundo Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB Sabin, o primeiro objetivo esperado é que a criança conheça os números,** perceba seu uso no contexto social e a ordem em que se sucedem (no Maternal, de 1 a 10, aumentando gradualmente até o fim do Pré II).

“Na Educação Infantil, uma das primeiras explorações relacionadas à Matemática é a récita”, diz Suzy, referindo-se não apenas a cantigas de enumeração, como “Dez Indiozinhos” ou “A Galinha do Vizinho”, mas a toda

oportunidade que as professoras tenham de fazer os alunos repetirem os números no dia a dia. Como exemplifica Gislaíne Nascimento, “se vamos subir ou descer as escadas, eu aproveito para contar os degraus com eles; se alguns alunos faltaram, proponho ‘vamos contar quantos somos?’”.

Mas são os jogos e as brincadeiras que oferecem aos alunos um motivo mais divertido para recorrer aos números. “Pular corda, amarelinha, brincadeiras de roda, tudo isso propicia a recitação progressiva (1... 2... 3...) e regressiva (3... 2... 1...)”, diz Maria Teresa Mastroianni, assessora de Matemática da Educação Infantil do Colégio Albert Sabin.

Outras brincadeiras contribuem também para a familiarização com os algarismos. Em uma aula, em fevereiro, por exemplo, os alunos de Gislaíne se viram diante de baldes numerados de 1 a 5, à frente dos quais havia, respectivamente, um objeto azul, dois vermelhos, três amarelos, quatro amarelos e cinco verdes. Para crianças um pouco mais velhas, já não seria um grande desafio, mas, para uma turma do Maternal II em início de ano, colocar os objetos nos baldes correspondentes ainda exigia algum esforço, facilitado pela ordem em que tudo havia sido disposto no chão. Interessava mais, para Gislaíne, observar os alunos considerando as possibilidades, reconhecendo os algarismos, fazendo associações e, por fim, contando um por um os objetos enquanto os depositavam no balde.

A observação da professora é necessária para verificar como os alunos resolvem os desafios, que, afinal, são apenas um meio pelo qual o verdadeiro prêmio – o conhecimento matemático – é conquistado. “Além da recitação,

o outro foco é a construção do raciocínio lógico: desde o Maternal, fazer a criança pensar matematicamente”, diz Gislaíne, citando outro tipo de brincadeira que não envolve números, mas sim a identificação de objetos de mesmo grupo semântico, importante habilidade Matemática (para se estudar, mais à frente, teoria dos conjuntos): “Em meio a brinquedos relacionados ao ambiente da cozinha, podemos colocar, por exemplo, um dinossauro e perguntar a eles qual não faz parte do grupo”, diz a professora.

Já Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, enfatiza a importância do trabalho pós-jogo, quando os alunos são convidados a expressar o que acharam da atividade, por meio de conversas ou registros gráficos. “Assim a professora percebe o que o aluno adquiriu da experiência, quais estratégias utilizou e o que fixou como aprendizado”, diz Dionéia. “Desenhar um jogo de amarelinha, por exemplo, é bem complexo. Envolve o sequenciamento dos números, o traçado dos algarismos, que ainda podem estar invertidos”. Aqui costuma haver, inclusive, troca de saberes entre colegas, ao compartilharem os registros. “Uma aluna registra o ‘três’ com palitinhos, outra já escreve o algarismo 3; uma aprende com a outra”.

**Avançando para o Pré I e II, aumenta o universo dos números trabalhados. Cada sala ganha** um calendário linear colado à parede, que vai sendo preenchido com os dias do mês, além de um cartaz com um quadro numérico de 1 a 30. “Esse quadro dá margem a várias brincadeiras, como a do ‘Gatilho Matemático’”, diz Suzy Vieira. “Dois alunos ficam a postos numa linha de partida, a professora grita um dos números – 23! –, e eles têm de correr para apontar o número no quadro”.

Jogos de cartas também fazem sucesso nessa fase, como a “Batalha” (as crianças dividem as cartas entre si e vão virando uma a uma, para ver quem tem a maior) ou o “Tapão” (as crianças cantam os números de 1 a 10 enquanto viram suas cartas; se o número cantado coincidir com o da carta virada, todos têm de bater a mão na pilha).

Progressivamente, os alunos vão se tornando mais aptos a pensar nos algarismos como quantidades e a fazer suas primeiras operações com eles. No jogo da “Memória dos 10”, por exemplo, os pares não são feitos por cartas iguais, mas por cartas que, somadas, dão 10. Em boliche com pinos numerados, derrubar o pino 1 e o pino 2 vale 3 pontos. Para quem está motivado a ganhar o jogo, é quando aprender Matemática pode fazer muita diferença.



# Vivam os povos brasileiros

História e cultura afro-brasileira e indígena resgatam lugar de destaque na formação do Brasil.

**A brincadeira é simples e pode ser feita em qualquer lugar, com quantas crianças houver.** Basta um risco no chão, delimitando a fronteira entre a “Terra” e o “Mar”. Enfileiradas no lado da “Terra”, as crianças aguardam o primeiro comando. “Mar”, anuncia o adulto, para que elas saltem para o outro lado do risco. “Terra”, e todas saltam de volta. Logo os comandos passam a se suceder mais rápido e nem sempre alternadamente: “Mar. Terra. Mar. Terra. Terra!” Aos poucos, as mais desatentas deixam de pular, ou pulam quando não devem, e vão saindo do jogo até só restar uma.

Batizada de “Terra-Mar”, a brincadeira é comum entre crianças de Moçambique, mas poderia ser também tradição no Brasil. Afinal, por que a amarelinha – que chegou aqui com os portugueses – é parte do nosso folclore nacional, mas uma brincadeira moçambicana não? A resposta, em grande medida, está na educação brasileira, que só muito recentemente buscou dar à história, aos costumes e saberes de povos africanos – assim como aos dos povos indígenas – a mesma importância reservada às nossas raízes europeias.

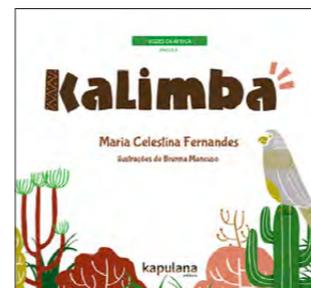
É apenas de 2003 a assinatura da lei que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras nas escolas do País, e de 2008 uma segunda lei, que complementava a primeira ao incluir também o termo “indígena” em sua redação. Desde então, como está expresso nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, espera-se que “a Histó-

ria e a Cultura Afro-Brasileiras bem como a dos povos indígenas [contribuam] para assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição da nação. Sua inclusão [no currículo] possibilita ampliar o leque de referências culturais de toda a população escolar e contribui para a mudança das suas concepções de mundo [e] para a construção de identidades mais plurais e solidárias”.

Para sair do papel, contudo, tais leis não dependem apenas de livros didáticos com algumas páginas a mais – como se a participação de africanos e nativos na formação do Brasil pudesse se resumir a capítulos –, mas, principalmente, de uma visão mais abrangente da questão, que garanta à história e à cultura desses povos o devido espaço e valor *ao longo de toda a educação básica*, “em especial na Arte, na Literatura e na História do Brasil”.

Como coloca a coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin, Dionéia Menin, “esse conteúdo sempre apareceu nas escolas, mas como fatos isolados”. Limitava-se, por exemplo, ao primeiro contato dos portugueses com os nativos, à escravidão e à luta por liberdade dos afrodescendentes, ou a poucos traços etnográficos – não raro estereotipados – “homenageados” em datas comemorativas.

“Hoje, esse conteúdo passa a aparecer em vários momentos, acompanhando a formação do nosso povo”, diz Dionéia. Uma mudança que se faz sentir pela inclusão de novas personagens no rol de grandes personalidades brasileiras, novas vozes literárias e artísticas



No Fundamental I, as leituras dirigidas fazem ver a história nacional pelos olhos de afro-brasileiros e indígenas.



estudadas nos currículos, bem como pela valorização das contribuições que as matrizes africanas e indígenas trouxeram ao falar, ao comer, ao criar e ao viver do brasileiro, em geral. Incluindo – por que não? – ao brincar.

**“Até o 2º ano do Fundamental, nosso projeto proporciona uma aproximação mais lúdica com a cultura e a história afro-brasileira e indígena”,** diz Luciana Vidal, assessora de História e Geografia do Sabin. Segundo Luciana, essa aproximação começa na Educação Infantil, etapa na qual as professoras têm buscado explorar maior diversidade de culturas por meio de músicas, contação de histórias e brincadeiras de origens variadas.

“Todo mês há sempre uma brincadeira diferente, e para isso precisamos ir atrás de referências novas”, diz a assessora. Um exemplo é a “Apostila de Jogos Africanos e Afro-Brasileiros”, organizada pela doutora em Educação Débora Alfaia da Cunha e pelo especialista em Educação para Relações Étnico-Raciais Cláudio Lopes de Freitas. Foi de lá que veio a descoberta do jogo Terra-Mar, de Moçambique, assim como diversas outras brincadeiras de atenção, de corrida, de força, de audição, de lançamento, de cognição e de cantos, oriundas de países como Gana, Libéria, Nigéria, Tanzânia e Zimbábue, entre outros.

O YouTube é outra fonte rica de recursos, principalmente de músicas, como a “Tu Tu Tu Tupi”, composição de Hélio Ziskind que ensina palavras criadas pelos habitantes originais do País e que ainda hoje colorem nosso idioma (“Todo mundo tem um pouco de índio dentro de si; todo mundo fala língua de índio, tupi-guarani. [...] Jabuticaba, caju, maracujá, pipoca, mandioca, abacaxi. É tudo tupi, tupi-guarani”). “Mas não é só para achar novas músicas e atividades que estimulamos a pesquisa das professoras; que-

remos ler mais literaturas a respeito do tema, para que nós mesmas enriqueçamos nosso vocabulário, saibamos utilizar os termos e conceitos mais apropriados”, diz Luciana Vidal, citando como exemplo o livro *Jindandji* – palavra de origem quimbundo que significa “raízes” –, editado pelo Museu Afro Brasil, que a equipe usa como consulta. “Até para evitar os estereótipos, é importante conhecermos os trabalhos e estudos das autoridades no assunto”.

Esse cuidado é redobrado quando, na transição do 2º para o 3º ano do Fundamental, começa o estudo da história nacional – e, portanto, também dos povos indígenas e afrodescendentes – de maneira mais intensa, com a adoção de títulos para leituras dirigidas com os alunos. São títulos como *Coisas de Índio*, de Daniel Munduruku, *Uma Amizade (Im)possível: as aventuras de Pedro e Anukê no Brasil colonial*, de Lília Moritz Schwarcz, *Com os Pés na África*, de Sérgio Túlio Caldas, e *Kalimba*, de Maria Celestina Fernandes.

Títulos esses que não restringem o indígena e o negro ao papel de nativo e escravo; tratam-nos como coprotagonistas da história e cultura do País. “O ensino de História do Brasil mudou de foco nas últimas décadas”, diz Dionéia Menin. “Antes, era uma sequência cronológica de eventos, hoje o foco é a formação do nosso povo. E não existe povo brasileiro sem o africano e o indígena”.

Assim, diz a coordenadora, o projeto pedagógico do Sabin busca fazer os alunos refletirem com crescente profundidade sobre o próprio conceito de “povo”, começando pela ideia da convivência com o outro (familiares, colegas), no 2º ano, passando pelas noções de grupos e comunidades até se chegar a coletivos maiores, que compartilham um mesmo espaço, uma mesma língua, a mesma comida, as mesmas danças e organizações sociais, construídas a partir de origens diversas. Tudo que compõe, enfim, o patrimônio histórico e cultural de uma nação miscigenada.

# Vida que sustenta vida

No Ano Internacional da Fitossanidade, alunos reavaliam a importância das plantas para a própria existência.



“Observem, explorem, perguntem”, diz o professor Pietro Vicari a alunos do 7º ano, que analisam as características das plantas do jardim do Sabin.

**Quando voltarem a frequentar as aulas presenciais, talvez os alunos do Fundamental II vejam o bosque na frente do Sabin com outros olhos.** E também a horta, o jardim ao lado do Laboratório de Biologia e todas as árvores e plantas que crescem no Colégio, bem como as de suas casas, apartamentos e espaços urbanos por onde costumam passar.

Pelo menos, esse é um dos objetivos que a professora e assessora de Ciências do Fundamental II, Gizele Gasparri, gostaria de ver alcançados em 2020, Ano Internacional da Fitossanidade, proclamado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Como é tradição no Sabin, desde que passou a integrar o Programa de Escolas Associadas à Unesco, em 2009, as definições de Ano Internacional inspiram projetos pedagógicos diversos, com temas quase sempre relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, um conjunto de 17 metas globais estabelecidas pelas Nações Unidas até 2030. Neste ano, não seria diferente.

“Elaboramos uma série de ideias que visam expandir o olhar dos nossos alunos sobre a importân-



cia das plantas e da saúde das plantas (fitossanidade), não apenas pelo viés da preservação ambiental”, diz Gizele. “Queremos fazê-los ver que planta é vida – literalmente vida que sustenta a nossa vida. Delas depende a nossa sobrevivência; são a base da nossa segurança alimentar, da nossa economia e do nosso desenvolvimento sustentável”.

Parceiro de Gizele na concepção dos projetos, o professor Pietro Vicari reforça a necessidade de ressaltar para os alunos o papel fundamental que os vegetais cumprem no cotidiano. Como lembra o professor, pensar em saúde vegetal não é só pensar em florestas distantes: “O arroz e o feijão no nosso prato também são plantas”. Isso para não falar, é claro, do ar que respiramos 24 horas por dia.

Assim, Gizele e Pietro, contando ainda com a ajuda da professora de Biologia do Médio, Adriana Baroli, conceberam experimentos para



fazer os alunos do Fundamental II compreenderem melhor alguns dos fatores envolvidos na saúde das plantas à sua volta (e, por consequência, em sua própria saúde): a qualidade do solo e do ar, a diversidade de espécies e o equilíbrio ecossistêmico.

Para além dos conteúdos abordados, porém, Pietro resalta outro objetivo que os experimentos visam atingir e que, diante dos acontecimentos recentes no planeta, tem se revelado cada dia mais essencial: “Eu vejo que teremos dois grandes eixos nesse projeto: um é o aprendizado sobre o tema, a fitossanidade; o outro é o aprendizado sobre o fazer Ciência em si”, diz o professor. “Vamos reforçar que Ciência é a busca do conhecimento com rigor, técnica e método, por meio de questionamentos, investigação e análise dos resultados”.

**Se, por ora, a estrutura de aulas a distância está servindo para que os professores abordem os conteúdos do programa de Ciências,** Gizele Gasparri espera ansiosa pela volta às aulas para ver os alunos aplicarem na prática os conteúdos estudados. É o caso das turmas de 6º ano, que, se tudo correr como planejado, terão a oportunidade de criar os seus próprios ecossistemas.

“Nessa série, eles estudam a crosta terrestre e a importância do solo para o cultivo dos vegetais”, diz a professora. “Mais à frente, queremos que cada aluno construa o seu próprio terrário no Laboratório de Ciências”. A ideia será montar, em garrafas PET, uma base de areia, pedras e terra de jardim – adubada com fertilizante produzido na composteira da horta do Sabin, espera Gizele –, em que os alunos plantarão sementes de alguma espécie de fácil cultivo (como feijão ou girassol), colocarão água e pronto: fecha-se a garrafa. Se tudo der certo, a planta não apenas germinará como crescerá e permanecerá viva por muito tempo, mesmo sem entrada do oxigênio de fora, num ciclo autossustentável. “Recebendo luz suficiente e quantidades certas de água e nutrientes no início, terrários podem durar anos”, garante.

Mas e se não derem certo? Para Pietro, isso também será parte do aprendizado. “Nós até esperamos que alguns não vinguem”, diz o professor. Ele explica que passará para os alunos um protocolo geral do experimento, mas não as medidas exatas de água e terra que deverão colocar nas garrafas. “Até o erro, na Ciência, é positivo. Na comparação entre os seus registros, o que os alunos podem aprender? Como explicam as diferenças? O ‘erro’ também é saber adquirido”. Gizele resume o ponto do colega: “Não existe experimento fracassado em Ciência; existem resultados esperados e não esperados”.

Já para os alunos do 7º ano, Pietro quer promover uma reflexão crítica sobre biodiversidade. “O experimento planejado consistirá em um levantamento de espécies vegetais no bosque em frente ao Colégio”, diz o professor. Com o recurso de um aplicativo de celular que identifica o tipo de planta fotografada, cada aluno ficará responsável por áreas delimitadas do bosque, onde registrará as espécies encontradas. “Eles vão comparar a diversidade por metros quadrados de um bosque como esse, alterado pelo homem, e a de uma área nativa de Mata Atlântica. Certamente aqui há menor diversidade, até pela presença de eucalipto, que, embora tenha importância econômica – para a indústria de papel, por exemplo –, é uma planta citotóxica, danosa para outras espécies”.

Também aqui, diz o professor, há um aprendizado importante sobre o método científico. Mais precisamente sobre as limitações com que os cientistas operam. “Eles não têm como catalogar todas as plantas do bosque, muito menos da Mata Atlântica. Então, aqui, eles trabalharão o conceito de amostragem, cada aluno responsável por uma área de poucos metros quadrados. E, sobre a Mata Atlântica, eles terão de recorrer à pesquisa da literatura disponível”.

Maior rigor comparativo será possível no experimento pretendido para o 8º ano, relativo à qualidade do ar e sua influência na saúde das plantas. O plano é verificar a presença de ozônio em algumas áreas do Colégio, com a ajuda de indicadores que a própria natureza fornece. “Certas plantas, como o tabaco ou o feijão, respondem rapidamente a altas concentrações de ozônio no ar por meio de manchas em suas folhagens”, explica Gizele. Cultivando um mesmo número dessas plantas no bosque, no jardim e na horta do Sabin – e também na estufa do Laboratório de Biologia, onde a composição do ar é monitorada, para haver um grupo de controle –, os alunos poderão saber quais desses locais apresentam maior índice de ozônio. “Provavelmente, devido à proximidade dos carros, a área do bosque deve ser a mais afetada”, prevê Gizele (o ozônio é um dos gases emitidos pela queima de combustível). O projeto ainda envolverá o estudo de planilhas cedidas pela Cetesb – Companhia Ambiental do Estado de São Paulo – ao Sabin, com medidas do ozônio encontrado na região do Butantã.

Segundo a professora, trata-se de um tema que afeta enormemente políticas de ordenamento urbano, já que diz respeito à influência da ação humana no clima e na saúde ambiental – o que, como os alunos logo terão aprendido, interfere diretamente em nossa própria existência.

# Decisões acertadas

## Ações do Sabin ajudam o aluno a escolher um futuro profissional com maturidade e informação.

**Dos alunos entrevistados, naquela manhã de fevereiro, Isabela Maciel, da 3ª série A do Ensino Médio, era a única que ainda não havia tomado a decisão.** Desde muito nova, ela imaginara ter na Arquitetura a carreira certa a seguir, talvez por influência dos pais, que viviam dizendo que a filha levava jeito para a profissão. Mas então, recentemente, a dúvida havia surgido: “Será que eu achava isso porque era o que eu queria mesmo ou porque eles sempre falavam que eu iria gostar?”

As incertezas se multiplicavam na cabeça da jovem: “Eu sempre gostei de redecorar meu quarto... Mas também gosto muito do meio ambiente. Será que faço algo na área de Urbanismo? Ou Paisagismo? Gosto de Biologia, Geografia, Geologia... Não sei, acho que estou com um problema de autoconhecimento!”

Ao seu lado, Gabriel Blas, da 2ª série B, mostrava-se mais seguro. “Vou fazer Publicidade e Propaganda. Minha mãe fez, acho um curso superlegal e combina comigo”, disse o estudante. Mas Gabriel também tinha seus questionamentos. “Talvez, por ser minha mãe e queira me estimular, ela só me fale do lado bom da profissão, e eu esteja com uma imagem idealizada. Acho que tenho de falar com mais gente, pessoas que estejam cursando Publicidade, até por serem mais próximos da minha idade”.

Já Mariana Veiga, da 3ª D, dizia saber bem o que a faz feliz – “sou escoteira, gosto da relação com o ambiente mais selvagem, mato, animais, mas também gosto de pessoas, conversar com pacientes” – e como conseguiria unir as duas paixões: “Vou fazer Medicina e ser médica do Exército”.

Ainda que em estágios distintos, o que Mariana, Gabriel e Isabela estão vivendo é um processo pelo qual todos os estudantes do Ensino Médio passam, no qual as dúvidas são parte natural e até mesmo salutar: o da escolha do futuro profissional. Um processo que o Sabin busca tornar mais tranquilo, com ações voltadas a prover os alunos daquilo que mais importa para a tomada de decisão: conhecimento. Conhecimento das escolhas possíveis, das demandas acadêmicas, da realidade do mercado e, principalmente, de si mesmos.

**“O trabalho já começa no 9º ano, quando o Colégio propõe a discussão do ‘projeto de vida’”,** diz a coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi. Ela se refere a oficinas e conversas que o psicólogo Ricardo Frenkiel promove com os alunos no fim do Ensino Fundamental, e que há alguns anos têm sido complementadas por palestras do psicoterapeuta Leo Fraiman sobre o enfrentamento de situações novas e a capacidade de fazer escolhas.

É no Médio, contudo, que o foco na questão profissional se acentua. A começar pelo Fórum de Profissões, a mais tradicional ação do Sabin nesse sentido. Realizado sempre no primeiro semestre letivo (neste ano, excepcionalmente, adiado), o Fórum oferece a alunos de 1ª a 3ª série do Médio, durante uma semana, a oportunidade de participar de oficinas relacionadas a diversas profissões, ministradas por representantes de algumas das principais universidades de São Paulo. “Costumamos ter de sete a oito oficinas por dia, a cada dia o aluno escolhe uma. Nesse modelo, ao longo dos três anos do Ensino Médio, ele

pode conhecer um pouco da realidade de até 15 profissões diferentes”, diz Áurea, que elogia o aspecto prático de algumas das oficinas de maior sucesso nos últimos anos. “Tivemos uma de Direito com simulação de júri, uma de Medicina em que os alunos aprenderam a fazer sutura cirúrgica, outra que combinava Administração e Publicidade, em que eles tiveram de agir como uma empresa e lançar um produto no mercado”, lembra.

Outra ação importante, segundo Áurea, é o programa de apadrinhamento, que atribui a cada aluno da 3ª série do Médio um professor-padrinho de sua escolha, com quem ele passa a manter um contato mais direto, para conversas francas sobre o que o preocupa, como carga de estudos, vestibulares e, claro, escolhas profissionais. “Eu já fui madrinha e sei que ajuda muito os alunos, mesmo que seja só para aliviar a ansiedade”, diz Áurea. “Nós damos conselhos também sobre como eles podem conversar com os pais sobre suas escolhas, sem angústias e de peito aberto”.

De fato, se para alguns jovens a opinião dos pais pode facilitar uma decisão, para outros ela pode trazer alguma inquietude. O segredo é encontrar a medida dessa influência, como diz Fernanda Aranha, da 3ª série C: “Acho importante ouvir o que a família tem a dizer, até porque eles querem o nosso bem. Mas não posso deixar decidirem por mim; sou eu que tenho que dar o limite”, diz a estudante, que pretende tentar Jornalismo – mesmo curso em que seus pais se formaram antes de ambos seguirem para o Direito. “Sei que o mercado de Jornalismo é mais difícil do que o do Direito. Minha mãe, por exemplo, diz que tomou a decisão certa. Mas eu quero tentar e, se me arrepender, ainda sou jovem, tenho tempo”.

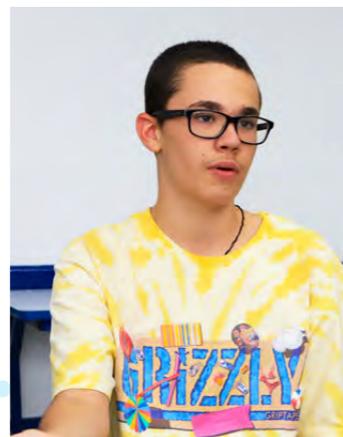
**O que Fernanda já conseguiu, mas que para alguns alunos ainda precisa ser reforçado,** é a meta do trabalho de orientação que Ricardo Frenkiel começou a fazer, em 2019, com alunos da 2ª série do Ensino Médio.

Em uma série de encontros, o psicólogo medeia conversas e propõe dinâmicas que ajudam os jovens a decidir por si o rumo que querem tomar, ao entenderem o quanto estão preparados (ou não) para tomar a decisão – e o que ainda precisam desenvolver.

Entre as dinâmicas está a aplicação do inventário da Escala de Maturidade para Escolha Profissional, que propõe 45 enunciados aos quais se atribuem graus de concordância, do 0 (nunca) ao 4 (sempre). São enunciados como “Dedico um tempo da semana para pensar em minha futura vida profissional”, “Posso listar facilmente minhas qualidades e defeitos” ou “Acho que pouco me influencio pela opinião dos outros sobre minha futura profissão”. Com a pontuação final, o aluno percebe que nível de maturidade ele demonstra em cinco eixos da questão: Responsabilidade (seu empenho em chegar a uma decisão); Determinação (sua segurança em relação à escolha); Independência (o grau de autonomia dessa escolha); Autoconhecimento e Conhecimento da Realidade (o quanto seus próprios interesses e habilidades, bem como as informações de que dispõe sobre universidades e mercado de trabalho, influenciam a decisão).

“Outro instrumento que usamos é o jogo dos critérios”, diz Ricardo. “São várias questões que são colocadas, por exemplo: você prefere trabalhar no campo ou na cidade? Em ambientes internos ou externos? Em grupo ou sozinho? Aos poucos, isso vai ajudando a afunilar as opções”.

O psicólogo explica que as oficinas não foram pensadas para atender todos os alunos da 2ª série, mas como livre demanda, para aqueles com maior dificuldade de escolher uma profissão. “Se a dúvida persistir na 3ª série, fazemos um atendimento individualizado”, diz Ricardo. A mensagem mais importante que ele quer passar, no entanto, vale para todos: é possível fazer escolhas mais seguras, bem informadas e condizentes com a própria personalidade, mas, como bem colocou a aluna Fernanda, não há problema em mudar de ideia. “Nenhuma escolha precisa ser definitiva”.



Vinicius Sakai (3ª A), Clara Lis (3ª D), Gabriel Blas (2ª B), Fernanda Aranha (3ª C), Mariana Veiga (3ª D) e Isabela Maciel (3ª A): o desafio de conhecer a si mesmos para definir o próprio futuro.

# Salto qualificado

Alunos conquistam índices recordes de certificação do Inglês na história do Sabin.



**Em 2008, ano em que o Sabin comemorava 15 anos de história, o Departamento de Inglês do Colégio tinha um motivo a mais para celebrar.** Pela primeira vez, o Sabin apresentava um número mínimo de alunos qualificados para prestar os exames da Universidade de Cambridge, de proficiência em língua inglesa, que permitiria à escola se tornar centro oficial de aplicação das provas da instituição britânica. No ano seguinte, na edição de março da Revista do Sabin, uma pequena nota parabenizava os 46 alunos que haviam sido certificados em 2008 com o FCE, sete outros com o CAE e, nominalmente, o aluno Luis Henrique Misiara, “único a prestar – e passar – no CPE, o mais avançado dos exames!”

Doze anos depois, “uma pequena nota” já não daria conta de citar todos os aprovados no “mais avançado dos exames” de Cambridge. Somente em 2019, mais 14 alunos do Sabin tiveram sua proficiência no Inglês certificada com o CPE, enquanto 46 conquistaram o CAE, e 98 o FCE. Como se não bastasse, 2019 também apresentou um salto considerável no percentual de concluintes que deixaram o Sabin com pelo menos um dos certificados. Se, em 2018, esse índice era de 60%, no ano passado, 93% dos formandos tinham ao menos um diploma de Cambridge no currículo.

Para a coordenadora Denise Araújo, 2019 pode ter sido um ano excepcionalmente positivo para o Inglês do Sabin, mas ela não crê que os números dos próximos anos fujam da tendência geral de crescimento. “Isso é o resultado natural de um trabalho de décadas: quanto mais tempo os alunos passam aqui, estudando o Inglês conosco desde pequenos, mais condições temos de garantir que eles atinjam os níveis avançados de Inglês mais cedo; a tempo, inclusive, de adquirirem o CPE antes de concluir o Ensino Médio”, diz Denise. Aliás, é por haver um número crescente de alunos certificados com o CPE já na 2ª série do Médio que o Sabin tem oferecido aos estudantes a opção de aproveitar os últimos anos de escola para aperfeiçoar-se no Espanhol, nos horários das aulas de Inglês (opção permitida também àqueles que não tenham interesse em adquirir o CPE).

E se o CPE representa, para muitos, a ponta final de um projeto pedagógico cada vez mais consistente, a conquista do FCE por candidatos mais jovens também é algo a ser comemorado. Segundo Denise, uma “quantidade considerável” de alunos consegue obter o primeiro diploma de Cambridge já no 9º ano: “É nossa meta que eles cheguem ao Ensino Médio em nível já avançado”. Mas a demanda, acrescenta a coordenadora, é também das famílias.

“Existem famílias que, por razões particulares de cada uma, têm filhos com um Inglês diferenciado já no Ensino Fundamental. Por exemplo, temos alunos que até pouco tempo atrás moravam fora do Brasil”, diz Denise. “Nesses casos, para a família, é muito importante ter uma escola onde o potencial do aluno não seja desperdiçado, porque há turmas da mesma idade dos seus filhos no mesmo nível. E aqui, felizmente, nós temos”.

# Mais que extracurricular

Como o Sabin+Esportes&Cultura integra e complementa o projeto do Colégio.

**“E aí, pessoal, o que vocês querem abordar este ano no palco?”** A pergunta é sempre feita no início de cada nova temporada de aulas de Teatro do Sabin, pelo professor Ricardo Sonzin Jr. Como diretor da trupe, Ricardo dá aos atores ampla liberdade para definir os temas das cenas e peças que ensaiarão ao longo do curso. Quase sempre, porém, os temas sugeridos têm uma origem em comum.

“Muita coisa nasce de assuntos que eles trazem da sala de aula para cá”, diz o professor. Assim, por exemplo, o consumismo debatido na aula de Filosofia, o drama de refugiados estudado na Geografia ou o romance indicado pelo professor de Literatura servem de disparadores de conversas, das quais surgem roteiros que os alunos escrevem e apresentam, ao fim do ano, no Festival de Teatro do Sabin.

Se esse é um bom exemplo de como o Sabin+Esportes&Cultura se afina organicamente com o projeto pedagógico do Sabin, ele não é o único. Muito pelo contrário. Para o coordenador Paulo Rogério Vieira, essa é uma das maiores qualidades de como o Programa foi concebido: “Mais que um projeto ‘extracurricular’, as atividades integram e complementam o currículo do Colégio”. É uma distinção importante, que se faz notar em vários aspectos.

A começar pela concepção do esporte e da cultura como eixos fundamentais de atuação. Pela filosofia do Colégio, diz Paulo Rogério, as atividades esportivas e culturais são vistas como meios de aquisição de um repertório tão importante quanto as disciplinas que se aprendem em sala de aula. “São dimensões essenciais da vida em sociedade: o aluno que aprende as regras e técnicas de um jogo, ou os fundamentos conceituais de uma manifestação artística, pode até não seguir nessas atividades, mas saberá avaliar e participar do

diálogo social em torno delas”, diz o professor. “Quer outro bom exemplo da importância desse conhecimento? O esporte hoje é muito valorizado para o ganho de qualidade de vida. Mas, assim como o sedentarismo é ruim, a atividade física em excesso, feita sem orientação e sem maior entendimento do impacto que pode ter no corpo, pode ser danosa”.

Segundo Paulo, o objetivo primeiro do Programa é a aquisição de saberes, e não a *performance*. “Não formamos atletas. Aliás, quem quiser participar de qualquer esporte, aqui, pode. Para aqueles com maior aptidão, tem o grupo de treinamento; para os outros, as aulas regulares”.

O mesmo pode ser dito das modalidades culturais, segundo Ricardo Sonzin Jr. “Uma escola de Teatro quer formar atores, é claro; nós estamos mais interessados em formar pessoas. Aqui – assim como nos esportes –, o aluno adquire senso de responsabilidade coletiva, capacidade de lidar com sucessos e insucessos, autoconfiança e outras competências socioemocionais”, diz Ricardo.

Além disso, a afinidade da equipe do Sabin+Esportes&Cultura com os demais docentes do Colégio é total. “Nossa equipe participa das reuniões pedagógicas, definimos linhas de trabalho juntos, acompanhamos juntos o amadurecimento de cada aluno, sabemos do seu histórico e demandas”, diz Paulo Rogério. Inclusive, diz ele, todos os treinadores esportivos do Programa são professores de fato, com formação em Educação Física Escolar e ao menos um título de pós-graduação.

“Seja no dia a dia das aulas, seja em eventos isolados – por exemplo, no planejamento da abertura de um FestSabin, que ano passado foi ligada à sustentabilidade, ou dos espetáculos de fim de ano –, nós, a equipe do Programa e os demais professores do Sabin atuamos juntos, para a formação integral dos nossos alunos”.



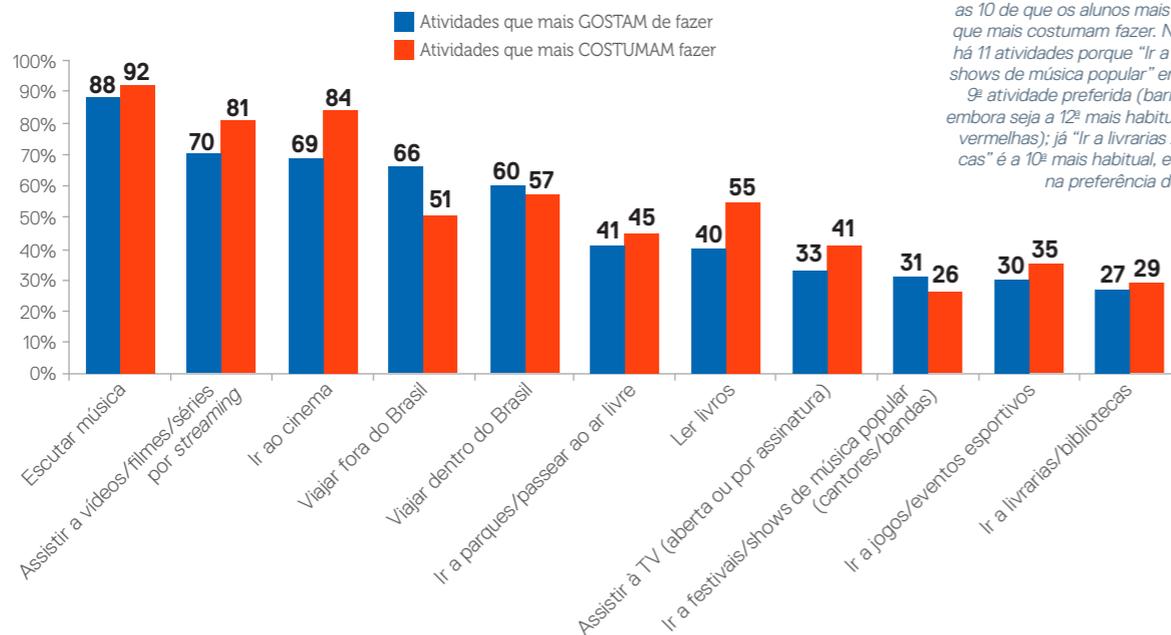
# Do que os alunos gostam

## Quais são e o que influencia as escolhas culturais do Ensino Médio do Sabin.

**Escutar música, assistir a séries, ler livros...**  
Quando se pensa na construção e na fruição de um repertório cultural, quais são as atividades preferidas dos alunos do Ensino Médio do Sabin e o que elas podem revelar? Quais as mais frequentes? Quem ou o que influencia essas escolhas?

Nesta edição, ouvimos, a esse respeito, opiniões do professor de Teatro do Sabin, Ricardo Sonzin Jr., e de Jorge Luiz Schroeder, bacharel em Música, mestre e doutor em Educação pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), onde atua como professor e pesquisador.

### TOP 10 ATIVIDADES CULTURAIS DOS ALUNOS

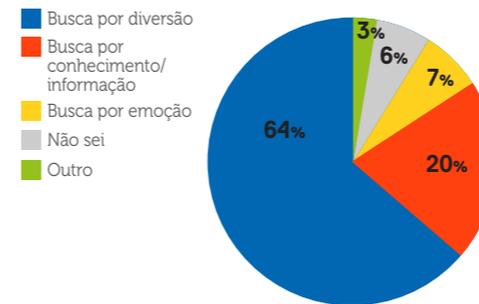


*Nota do Editor: de uma lista com 27 opções de atividades, foram eleitas as 10 de que os alunos mais gostam e que mais costumam fazer. No gráfico, há 11 atividades porque "Ir a festivais/shows de música popular" entra como 9ª atividade preferida (barras azuis), embora seja a 12ª mais habitual (barras vermelhas); já "Ir a livrarias / bibliotecas" é a 10ª mais habitual, embora 12ª na preferência dos alunos.*

**Ricardo Sonzin Jr.:** “Os alunos parecem fazer com mais frequência as atividades que mais lhes proporcionam prazer. Por um lado, sem juízo de valor, penso que, na aquisição de cultura, eles estão livres do que poderíamos chamar de ‘obrigação’. Eles buscam aquilo de que gostam, são altamente seletivos – e podem ser, como minha geração jamais pôde. Graças à tecnologia, podem ouvir a sua própria trilha, assistir às suas séries preferidas (atividades mais individualizadas do que ir a um museu, p. ex.). Por outro lado, podemos levantar um alerta: será que estão focados, somente, no que proporciona prazer? Não seria uma visão encurtada do que a cultura pode significar?”

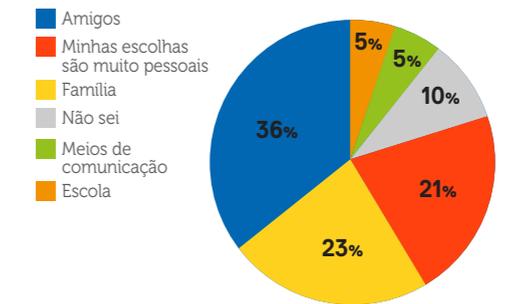
**Jorge Schroeder:** “É significativo que, em apenas três dos itens mostrados, o ‘gosto’ pela atividade superou o ‘costume’ de fazê-la. Isso talvez possa significar que, em muitas das atividades, os jovens acompanham alguém (familiares, amigos, companheiras e companheiros, etc.) que decidiu por eles. Isso pode ser corroborado (embora como hipótese) pelo último gráfico, do grau de satisfação do jovem quanto às atividades culturais de que participa, no qual a porcentagem de ‘não’ (insatisfeitos) e ‘mais ou menos’ é de 70%, ao passo que a de ‘sim’ (satisfeitos) é de 26%. Pode ser que os jovens nem sempre escolham suas atividades culturais?”

### O QUE MAIS MOTIVA SEUS HÁBITOS CULTURAIS?



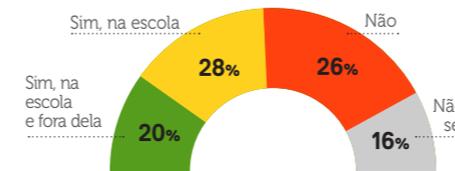
**Ricardo Sonzin Jr.:** “Esse gráfico tem relação com o primeiro, que mostra como eles estão buscando o que lhes dá mais prazer. A diversão tem três vezes mais valor para eles do que a busca por informação. Vejo como reflexo de uma sociedade que precisa se sentir feliz o tempo todo, que não dá espaço para a dor e a tristeza. Dito isso: mesmo que esses 64%, num primeiro momento, busquem diversão, não duvido que eles também valorizem a informação ou a emoção”.

### QUAL DESTES GRUPOS MAIS INFLUENCIA SUAS ESCOLHAS/HÁBITOS CULTURAIS?



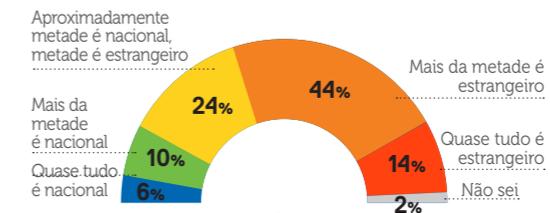
**Ricardo Sonzin Jr.:** “A escola em último lugar? Talvez se deva à associação da cultura com diversão; o conhecimento construído na escola não passa, necessariamente, pela via da diversão. Também chama a atenção a família em terceiro lugar, atrás das escolhas pessoais – que, de novo, apontam para um jovem altamente seletivo, que escolhe o que quer consumir”.

### VOCÊ JÁ EXERCEU/EXERCE (OU JÁ FEZ/FAZ PARTE DE GRUPO QUE EXERÇA) MANIFESTAÇÕES CULTURAIS?



**Jorge Schroeder:** “Curiosa comparação é possível fazer entre esse gráfico e o anterior (influenciadores dos hábitos culturais). Embora a escola seja o fator ‘menos’ influenciador (5%), é o local que mais estimula a atividade cultural. Ao tomarmos a porcentagem de alunos que participam de manifestações culturais (48%), 58% desse montante o fazem na escola, e os 42% restantes na escola e fora dela (não aparece quem participa apenas fora da escola)”.

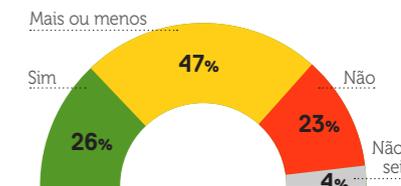
### DO CONTEÚDO ARTÍSTICO/CULTURAL QUE CONSUME (ASSISTE, OUVI, LÊ, VISITA, ETC.), O QUANTO É BRASILEIRO?



**Ricardo Sonzin Jr.:** “Não acho que essa tendência de valorizar o conteúdo estrangeiro seja nova. Já acontecia na minha geração, vem de muito tempo de consumo de arte e cultura de todas as partes do mundo. E continua hoje, nesses novos tempos de ‘home office’, ‘lives’ e ‘calls’”.

**Jorge Schroeder:** “A questão toca num ponto extremamente complexo, que é muito discutido nas áreas de pesquisas por onde trafego. Apenas para comentar um ponto específico: muito da produção audiovisual atualmente é transnacional, portanto mais difícil de distinguir sua origem (caso de filmes e séries). E, ainda, muito da forma artística apresentada (a arquitetônica da obra) é de origem estrangeira, embora executada por brasileiros (caso de muitos tipos de música), o que deixa a questão no mínimo ambígua. Outro fator que complica é a existência das traduções e versões de obras estrangeiras (caso do BBB, da Rede Globo, ou de grandes sucessos de musicistas brasileiros que são versões de músicas estrangeiras)”.

### VOCÊ ESTÁ SATISFEITO(A) COM O REPERTÓRIO CULTURAL/ARTÍSTICO QUE CULTIVA?



**Ricardo Sonzin Jr.:** “É curioso: mesmo fazendo tudo de que gostam, eles não se dizem satisfeitos. Por outro lado, é positivo: a satisfação poderia significar estagnação. É bom se sentir insatisfeito, manter-se interessado. A pergunta-chave a ser feita é: se estão insatisfeitos, o que farão a respeito?”

## Nos trilhos para o fim

Por Clara Abrão e Isabel Brancher

**Sob o sol escaldante, uma família passa pela natureza árida do Nordeste, faminta e sedenta, carregando os poucos pertences que tem.**

Seu objetivo: migrar para uma área menos hostil e garantir sua sobrevivência. Assim começa *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, uma das várias obras que representam o sofrimento humano perante as adversidades da natureza.

Esse cenário de fome, de sede e de calor parece, ou melhor, parecia, para grande parte da população, acostumada ao cenário urbano, longínquo e estático, de tempo e espaço bem distantes. A realidade, contudo, é que essas condições adversas se entranharam no cotidiano e se intensificaram exponencialmente, em virtude das mudanças climáticas às quais o planeta é submetido.

Desde fenômenos periódicos, como a intensificação das chuvas no Sudeste, até o problema crônico do aquecimento global, são inegáveis os efeitos das mudanças climáticas sobre todos os aspectos da vida na Terra. No que tange a esses assuntos, 2020 é um ano decisivo, porque, em novembro, haverá a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, a qual reajustará as metas de redução da emissão de CO<sub>2</sub> dos países participantes.

Para ilustrar a gravidade da situação, foram criadas previsões para o futuro do globo. Elas vão de “boa”, que seria um aumento de 1,5 °C até 2100 em comparação à temperatura na época pré-industrial – meta oficializada em 2016, no Acordo de Paris –, até “catastrófica”, cenário em que haveria aumento de 4,5 °C até o fim do século.

No entanto, o crescimento da produção industrial e o consequente aumento da emissão de poluentes, somados ao descaso de alguns países em reconhecer a urgência de medidas a favor do meio ambiente, tornaram a previsão “boa” inviável. Ademais, nos índices atuais de emissão de CO<sub>2</sub>, alguns especialistas presumem que a humanidade caminha para uma situação ainda mais grave do que a “catastrófica”.

O problema se resume a um sistema produtivo destinado a explorar, de modo descontrolado, os recursos naturais, como se houvesse uma disposição infinita de

les, visão que é, evidentemente, errônea. Ao analisar esse cenário, há indivíduos – o exemplo mais notável é Greta Thunberg – que vão de encontro à conformidade estatal e exigem dos governos uma nova postura, de maior responsabilidade e zelo em relação ao futuro do planeta.

Por outro lado, certos governos e grupos sociais se colocam em ne-

gação e afirmam a falsidade de assuntos como o aquecimento global. Entre esses indivíduos, Naomi Seibt, jovem alemã que representa o polo oposto a Greta, naturaliza as mudanças climáticas ao mesmo tempo que minimiza a gravidade de suas consequências.

Assim, perante o aumento da temperatura da Terra e os altos níveis de emissão de gases poluentes – entre outros malefícios –, cabe a cada um decidir se assumirá uma postura consciente ou se deixará a situação, assim como um trem desenfreado, desenrolar-se em direção a um futuro “mais do que catastrófico”.

*“Alguns especialistas presumem que a humanidade caminha para uma situação ainda mais grave do que a ‘catastrófica.’”*

### COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:



Clara Abrão,  
3ª D



Giulia Pizzanelli,  
3ª A



Isabel Brancher,  
3ª C



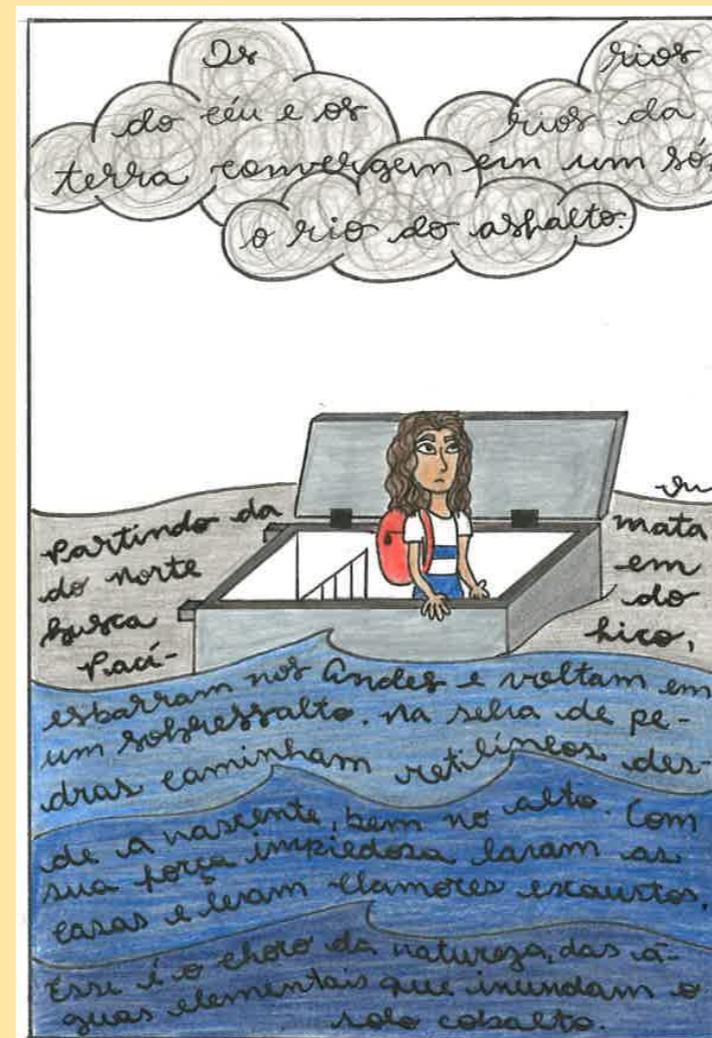
Rafael Ossent,  
3ª E



Vitória Cruz,  
3ª B



Charge produzida por  
Giulia Pizzanelli  
e Rafael Ossent



Os rios do céu e os rios da terra convergem em um só: o rio do asfalto.

Partindo da mata do norte em busca do Pacífico, esbarram nos Andes e voltam em um sobressalto.

Na selva de pedras caminham retilíneos desde a nascente, bem no alto.

Com sua força impiedosa lavam as casas e levam clamores exaustos.

Esse é o choro da natureza das águas elementais que inundam o solo cobalto.

Poema ilustrado,  
produzido por  
Vitória Cruz

# O impacto da gentileza

Projeto de turma do 2º ano levanta a bandeira de um mundo mais gentil.

**Quem passou pelos corredores do Fundamental I do Sabin no início do ano não pôde deixar de ser impactado.** Coladas nas paredes, em cartões ilustrados, ali estavam dezenas de atitudes que alunos do 3º ano haviam deixado como sugestão para quem quisesse praticar mais gentilezas no dia a dia. Beatriz sugeria emprestar brinquedos aos amigos. André, ajudar alguém que houvesse quebrado uma perna. Já Miguel dava o próprio exemplo como sugestão: “Eu sou gentil quando ajudo o meu amigo a amarrar o cadarço quando ele não sabe”.

E se em tempos de distanciamento social as oportunidades de gentilezas presenciais rareiam, nada impede que elas aconteçam a distância, como se vê nas dicas de um cartaz que a mesma turma criou e publicou como página especial da Agenda Sabin deste ano. Dicas como “elogie”, “deseje um bom dia”, “tenha calma e paciência” e “seja legal”, que valem tanto para encontros reais quanto para os virtuais.

Fruto do projeto “Eu acredito na gentileza!”, concebido no ano passado pela turma do então 2º ano H, os cartões colados na parede e a página da Agenda 2020 são um bom exemplo de como o Prêmio Impacta Sabin – comemorativo dos 25 anos do Colégio, em 2018 – permaneceu como um projeto fixo do Fundamental I do Sabin, preservando suas duas principais características: a de estimular ideias que contribuam para um mundo melhor e a de fomentar a autonomia dos alunos em sua realização.

“Todo ano, agora, cada turma propõe um projeto no espírito do Impacta Sabin, não mais pelo prêmio, mas como uma das atividades pedagógicas do nosso planejamento”, diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Fundamental I. “O foco é que os alunos se-



jam protagonistas. Que venham deles as ideias de como podem impactar o mundo”. Para isso, cabe às professoras promover discussões com a classe, inicialmente nas aulas de Filosofia, para ouvir dos alunos o que acham que podem fazer de positivo – sem limites para o que podem imaginar. “O segredo é dar corda a eles”, diz Dionéia. “A professora dá dicas, fomenta questões, mas o projeto tem de partir deles. E a viabilização também”.

No caso do 2º ano H (hoje 3º), foram os alunos que chegaram à proposta de espalhar mensagens de gentileza pelo Colégio, enquanto a professora, Cristina Gentile, apenas mediava a reflexão: espalhar como e onde exatamente? “Pensaram primeiro nos corredores. Até que alguém sugeriu a agenda do Sabin”, diz a orientadora Lúcia Helena Tristão. Mas como emplacar a mensagem na agenda? “Eles tiveram de ir atrás: escreveram uma carta e foram entregar pessoalmente ao Departamento de Marketing do Colégio, expondo a ideia do projeto. Por sorte, descobriram que dava para incluir uma página nova na agenda sem encarecer o custo da impressão”.

Segundo Dionéia, o envolvimento dos alunos nos projetos Impacta Sabin é tanto que se estende também para as famílias e para o ambiente doméstico, reforçando a postura do Colégio de ceder o protagonismo às crianças. “Já recebemos mãe de aluno que ensinou a turma do filho a confeccionar estojos com embalagens de leite, já tivemos alunas pedindo doações em seu condomínio”, diz a coordenadora.

É assim que o Sabin busca dar continuidade ao movimento iniciado há dois anos, com o Prêmio Impacta Sabin. E é aqui, nesta seção da Revista do Sabin, que outros projetos como esse serão celebrados nas próximas edições.

#VOCEJADEUUMABRACOHOJE?